

Wéllia Pimentel Santo

“A educação é algo admirável, mas é bom lembrar de vez em quando que nada do que vale a pena saber pode ser ensinado”
Oscar Wilde

Resumo: Do lápis ao livro, os materiais didáticos são ferramentas que apoiam o desenvolvimento de situações de aprendizagem. Um bom material didático deve motivar a relação do aluno com os conteúdos escolares, auxiliando-o a pensar por conta própria e, além disso, criar condições para que ele diversifique e amplie suas fontes de informação. O conjunto de materiais didáticos utilizados pelo professor pode ser muito vasto e deve oferecer a este, inúmeras possibilidades de trabalho com os alunos. Portanto, a proposta desta pesquisa é analisar a função do material didático e a maneira como ele enriquece e desenvolve o trabalho diário em sala de aula, haja vista que, ao oferecer apoio ao aluno na sua relação com a aprendizagem, torna-se um importante mecanismo de aprendizagem no nosso dia-a-dia. Assim sendo, a metodologia aplicada ao trabalho se ateve a um estudo descritivo, do tipo revisão bibliográfica, que se respaldou em literaturas científicas e trabalhos acadêmicos referenciados.

Palavras-chave: Ensino-aprendizagem; línguas; material didático.

Abstract: Pencil the book, teaching materials are tools that support the development of learning situations. A good teaching material should motivate the relationship of the student with the school curriculum, helping them to think on their own and also to create conditions for it to diversify and expand their sources of information. The set of teaching materials used by the teacher can be very broad and should offer this, numerous possibilities of working with students. Therefore, the purpose of this research is to analyze the function of teaching material and the way it enriches and develops the daily work in the classroom, given that by offering support to students in relation to learning, it is an important learning mechanism in our day-to-day. Therefore, the methodology applied to work adhered to a descriptive study, the type literature review, which is backed by scientific literature and referenced scholarly work.

Keywords: Teaching-learning; languages; courseware.

Introdução

A necessidade de educar as crianças surge com as primeiras sociedades humanas organizadas. Cada cultura constrói sua maneira particular de formar seus futuros adultos. Seja entre familiares ou na escola, as crianças e os jovens convivem com adultos que os educam de acordo com ideias e valores de sua sociedade.

A cada época esses adultos criam, modificam e utilizam diferentes materiais didáticos. Entre eles, os livros aparecem como uma ferramenta fundamental no processo de aprendizagem. São, portanto, chamados livros didáticos as publicações voltadas aos professores e alunos. Eles organizam conteúdos a serem ensinados na escola e indicam a forma como o professor deve planejar e tratar esses conteúdos em sala de aula. Tudo isso é feito seguindo uma determinada concepção de aprendizagem.

Por outro lado, os materiais didáticos envolvem tudo aquilo que pode servir para enriquecer o trabalho de professores e alunos, tais como: revistas, jornais, panfletos, anúncios. Os conteúdos de sala de aula podem ser abordados de diversas maneiras e o professor deve estar aberto às inovações e disposto a usar sua criatividade.

Nesta perspectiva, a proposta desta pesquisa é analisar os materiais didáticos a serem utilizados pelo professor em sala de aula correlacionando-os ao ensino de línguas na atual conjuntura.

O ensino de línguas é especial pelo fato de que quando ensinamos línguas procuramos desenvolver nos nossos alunos habilidades. Nós queremos que eles sejam capazes de executar tarefas, realizar coisas com aquele conhecimento. E mais, esperamos que aquele conhecimento que chega aos nossos alunos seja, em determinado momento, automatizado. Dizemos que uma pessoa sabe falar um idioma estrangeiro, por exemplo, quando ela consegue pensar naquele idioma, ouvir e responder, ler e entender automaticamente, de maneira imediata.

Então esse é um processo de ensino de habilidades e treinamento que envolve técnicas e para isso, o material didático em si, sem dúvidas, é um instrumento fundamental. Difícil imaginarmos um curso de línguas seja ele de língua portuguesa ou estrangeira, sem o material didático. E um bom material didático nas mãos do professor e dos alunos faz muita diferença para o processo de aprendizado.

Funções do material didático

Ao refletirmos sobre o conceito de material didático recai nos questionar se poderia ser considerado somente o livro que utilizamos em sala de aula um material didático. A rigor, tudo o que é utilizado para ensinar algo, que tenha uma função didática, é considerado material didático.

O portal do Ministério da educação disponibilizou no ano de 2007 a cartilha “Equipamentos e materiais didáticos” a fim de contribuir para uma formação que esteja relacionada às dimensões técnicas e pedagógicas intrínsecas ao uso dos materiais e equipamentos didáticos. Assim sendo, a cartilha esclarece que materiais didáticos, também conhecidos como “recursos” ou “tecnologias educacionais” são:

Todo e qualquer recurso utilizado em um procedimento de ensino, visando à estimulação do aluno e à sua aproximação do conteúdo. Nesse contexto, os mapas e os globos são materiais didáticos utilizados para a facilitação da aprendizagem. Da mesma forma, quando a professora usa palitos de picolé e canudinhos de refrigerante para ensinar matemática ou quando projeta um filme sobre a colonização do Brasil ou, ainda, quando planta sementes de girassol e feijão no ambiente escolar para ensinar o processo de germinação (BRASIL, 2007, p. 21-22).

Entendemos, assim, que o material didático tem como seus principais propósitos o auxílio ao trabalho do professor. Planificação, avaliação e execução, ou seja, ele organiza aquele conteúdo didático que nos propomos a ensinar, prevendo estratégias de execução, desenvolvimento, exercício e também as formas de avaliação. De tal modo, estas são todas as etapas fundamentais ao processo de ensino-aprendizagem que devem fazer parte do material didático.

Dentre as funções do material didático podemos ressaltar que esse há de ser inovador. Atualmente sabemos que isso não é tão fácil de ser executado, haja vista que o mundo muda tão rapidamente que caberia nos questionarmos como o material didático poderia ser inovador. Essa, portanto, é uma questão que se colocou muito seriamente depois do advento da internet. O mundo muda com uma velocidade muito grande, seja por meio da internet ou das mídias digitais, assim é difícil que um material didático traga conhecimento muito atualizado, o que seria, até de certa forma bom para os educadores, pois consente um espaço muito concreto de atuação por parte deste.

Deste modo, é difícil para um livro que foi escrito, por exemplo, há três anos parecer atual para o aluno. E é aí que há a possibilidade de um espaço para que o docente ministre

sua aula de outra forma, utilizando-se do material didático, contudo, complementando-o para que a aula se torne mais atualizada.

Portanto, o material didático tem essa função inovadora, que pode não estar tanto relacionada ao conteúdo, mas na maneira de se ensinar, utilizando-se de uma metodologia de ensino diferenciada.

São inúmeros e variados os materiais e equipamentos didáticos existentes nas escolas brasileiras, sem contar que podemos criar ou aproveitar recursos empregados para outros fins. Geralmente, esses materiais são classificados como recursos visuais, auditivos ou audiovisuais, ou seja, recursos que podem estimular o estudante por meio da percepção visual, auditiva ou ambas, simultaneamente, como você poderá verificar no quadro a seguir. Muitos deles foram criados exclusivamente para fins pedagógicos, isto é, foram pensados para serem didáticos, para mediar a construção do conhecimento que ocorre no ambiente escolar (BRASIL, 2007, p. 22).

Além disso, este material didático há de ser motivador da aprendizagem, de modo que instigue o aluno a almejar aprender, estruturador, de modo a organizar os conteúdos, de certa forma, configurando sua distribuição. E ainda controlador ao estabelecer um processo de ensino-aprendizagem com começo, meio e fim. E, sem dúvida nenhuma, necessita que seja comunicativo na medida em que ele abra portas para que os alunos se comuniquem uns com os outros, para que os alunos pesquisem, não se atendo somente ao livro didático, utilizando outros mecanismos para buscar informações sobre determinado assunto. Assim, essas são funções ditas, genéricas sobre o material didático.

Tipos de materiais didáticos

Como apresentado, nós temos vários tipos de materiais didáticos. A rigor, qualquer material que seja utilizado como fim didático pode ser considerado material didático. Então, se utilizamos uma apostila, esta é considerada um material didático. Também os livros, a internet, enfim. O Ministério da Educação cita:

Os livros paradidáticos são interessantes para complementar e aprofundar os conteúdos dos didáticos. Favorecem o trabalho com projetos pedagógicos e estimulam a produção escrita, com resenhas e fichamentos. As revistas, os jornais e a televisão são fontes documentais importantes na pesquisa e no debate de temas da atualidade, podendo contribuir para a formação da criticidade e dos valores sociais. Imagens, fotografias, obras de arte, peças e acessórios de época, vestuários, antiguidades favorecem a aproximação do conteúdo com a realidade, contribuindo para a aprendizagem significativa. Integrando o campo dos recursos visuais, os vídeos e slides não perdem o posto de articuladores do conhecimento com o mundo

real. A leitura e a produção de mapas, o uso de globo, maquetes, miniaturas, linhas e medidores diversos de tempo favorecem o estabelecimento dos vínculos entre fatos, locais e datas (BRASIL, 2007, p. 108).

Há uma infinidade de materiais didáticos a serem utilizados pelo docente sendo que o Ministério da educação (2007) aponta também o espaço da sala de aula como pertencente ao processo de aprendizagem, bem como a linha pedagógica adotada pelo professor, uma vez que ali se encontram muitas informações sobre as atividades que estão sendo desenvolvidas.

De igual forma, a exposição de jornais, fotografias, livros, jogos e experiências e de outros materiais usados no dia-a-dia permite também que os alunos reconheçam aquele local como seu espaço de trabalho, que deve ser prazeroso. Entrar em uma sala de aula repleta de informações e recordações é muito diferente e muito mais interessante do que entrar em uma sala vazia, onde não há nada para ver, lembrar ou fazer. A sala de aula deve ser o lugar com o qual os alunos se identificam, têm afinidade exatamente porque devem circular por ela livremente, ter acesso a materiais e informações, aprender regras de convivência, construir conhecimento. Nessa perspectiva, o espaço, além de limpo, deve ser agradável, iluminado e bonito; características que lhe conferem um caráter essencialmente educativo (BRASIL, 2007, p. 56).

Vale ressaltar que hoje em dia cada vez mais as escolas, os fabricantes de materiais didáticos estão se aparrando na ideia dos portais didáticos a fim de tentar superar exatamente a limitação da inovação do livro didático, do conteúdo recente que se tem com a impressão, haja vista que, ao imprimir o livro e este até chegar às mãos do aluno, ele já não se apresentará tão inovador, o conteúdo que estará lá já não será tão atual. Está havendo uma migração ou um investimento maior em portais na internet, pois existe uma possibilidade de se trabalhar com conteúdos, com formas, apresentações de maneira mais dinâmica, sendo que o livro pode até ficar desatualizado, mas a tendência é de que o conteúdo no portal não, pois teremos a possibilidade de atualizá-lo. E isso vem causando uma diferença na forma como estamos usando o material didático. Temos iniciativas de algumas escolas que já adotam os laptops para os alunos, ou seja, já estão saindo um pouco do universo do livro e adentrando o universo midiático.

Além disso, nosso governo federal já vem há muito tempo discutindo a ideia dos laptops para as crianças das escolas públicas. Entretanto, ainda é algo que não se efetivou. Mas já podemos perceber que está havendo uma grande migração do papel para os ambientes eletrônicos, isto é, de certa forma inevitável já que cedo ou tarde acontecerá de maneira, talvez definitiva. Nesta perspectiva podemos ressaltar que o livro, atualmente, já não tem a mesma concretude que tinha há anos atrás.

Poderemos utilizar de outros mecanismos, tais como os CD's sejam de áudios, CD-ROM, revistas, enfim, qualquer tipo de documento impresso poderá se tornar material didático a depender do uso que nós dermos a ele. Então a ideia é que o material didático também não necessita se limitar àquele conceito de um livro didático ou mesmo de um programa que foi desenvolvido para o ensino. Nós podemos adaptar outros materiais que não foram especificamente desenvolvidos para o ensino, mas que, por um processo de adaptação, são utilizados como materiais didáticos.

O livro didático

Poderíamos dizer que o livro didático tem o 'poder' de seduzir o aluno. E o fundamental, que ele se materializa no domínio da escrita. Conforme o Ministério da Educação,

O livro didático é um dos mais fortes e influentes recursos encontrados nas escolas brasileiras. Cabe a ele um papel bastante relevante: o de apresentar às crianças o mundo da escrita e sua forma peculiar de construir conhecimentos que são socialmente reconhecidos, legitimados, valorizados. E é essa legitimação social que faz com que seja o livro, ainda que em realidades culturais materialmente desenvolvidas, a âncora das práticas pedagógicas (BRASIL, 2007, p. 89).

Ao pensarmos na realidade do aluno brasileiro, sobretudo, àquele que está na escola pública, saberemos que, muitas vezes, o livro didático representa, senão a totalidade, mas a quase totalidade de conteúdo de palavra escrita com a qual aquela criança terá acesso. Neste sentido, Coracini afirma que:

...como o ensino-aprendizagem de línguas tem sofrido, de uma maneira ou de outra, a influência do livro didático, era de se esperar que os linguistas aplicados lhe concedessem um espaço grande nos seus estudos e nas revistas da área. Cabe lembrar aqui que, não raro, o(s) livro(s) didático(s) corresponde(m) à única fonte de consulta e de leitura dos professores e dos alunos... (CORACINI, 1999, p.17).

Entretanto, no geral, poderíamos dizer que a criança tem pouca oportunidade de acessar outros documentos escritos, o que não implica, conforme a autora, que o livro didático corresponderia à única fonte de consulta deste aluno. Todavia, este acaba ocupando um papel fundamental na comunicação escrita na vida daquela criança, por isso, até mais importante ainda, para aqueles que têm pouco acesso à palavra escrita em outros formatos que não por meio dele. Romanatto conjectura que:

...o livro didático ainda tem uma presença marcante em sala de aula e, muitas vezes, como substituto do professor quando deveria ser mais um dos elementos de apoio ao trabalho docente. ...os conteúdos e métodos utilizados pelo professor em sala de aula estariam na dependência dos conteúdos e métodos propostos pelo livro didático adotado. Muitos fatores têm contribuído para que o livro didático tenha esse papel de protagonista na sala de aula. ... um livro que promete tudo pronto, tudo detalhado, bastando mandar o aluno abrir a página e fazer exercícios, é uma atração irresistível. O livro didático não é um mero instrumento como qualquer outro em sala de aula e também não está desaparecendo diante dos modernos meios de comunicação. O que se questiona é a sua qualidade. Claro que existem as exceções (ROMANATTO, 1987, p.85).

Por esta via, o Ministério da Educação (2007) aponta que o livro didático consegue, pela natureza de sua apresentação, reunir de forma sistematizada os saberes que se pretende ensinar e aprender, indicando até mesmo os rumos a serem tomados na sala de aula, o que salienta as vantagens de seu uso.

Além disso, favorece a autonomia do aluno em relação à sua aprendizagem, permitindo consultas rápidas e continuadas, individuais e diretas, especialmente quando o exemplar é de uso pessoal, o que não é o caso da rede pública de ensino, em que os livros são reaproveitados ano a ano por alunos diferentes (BRASIL, 2007, p. 89-90).

Neste sentido, o livro didático tem por função estruturar o conhecimento fazendo com que o aluno o absorva de forma progressiva, dentro de uma sequência lógica, por meio de etapas que se complementam. O Ministério da educação, no adverte, entretanto que,

É necessário escolher, da forma mais qualificada possível, os livros didáticos que irão participar da vida escolar de seus estudantes. Devemos utilizá-los de forma crítica, de modo que atuem como apoios didáticos e não como condutores do processo de ensino-aprendizagem e fazendo-o interagir com os demais materiais e equipamentos didáticos relacionados aos temas em curso (BRASIL, 2007, p. 90).

É importante nos atermos para a importância do aspecto visual do livro. Difícil imaginarmos um bom livro didático que não tenha uma boa disposição visual dos seus conteúdos, sendo esta, muito importante para a motivação do aluno e para aquilo a que se propõe: ser manuseado pelo aluno.

Via de regra os livros de idioma estrangeiro trazem muitos elementos que não estão dentro da linearidade da disposição dos conteúdos. Então, faz-se mister nos atermos a esta ideia do manuseio, de que o livro não é, necessariamente, algo cartesiano, o livro dispõe de uma natureza típica que leva o aluno a manuseá-lo, a interagir com este de uma maneira muitas vezes não linear.

Os materiais, os livros e as revistas, bem como os equipamentos e viveiros, devem ser mantidos ao alcance dos estudantes para que possam manuseá-los sempre que necessário. O contato direto com os materiais não só auxilia a construção do conhecimento como favorece o desenvolvimento do senso de cuidado e responsabilidade com o que é coletivo (lembre-se de estabelecer os combinados) (BRASIL, 2007, p. 68).

Tudo isso é de suma importância para a caracterização, definição e constituição de um livro didático. Seu aspecto visual, podemos dizer, é tão importante quanto o seu conteúdo. Às vezes nos deparamos com livros que apresentam bom conteúdo, mas seu aspecto visual é tão falho que pouco nos instiga lê-lo ou estudá-lo, e assim, se perde no que tange ao seu aspecto motivador.

Cabe ressaltar ser difícil a constituição de um bom livro didático, haja vista serem necessários vários critérios a serem cumpridos, indo além do conteúdo ou de sua parte visual.

Críticas ao livro didático

Apesar de os estudiosos entenderem que o livro didático é, de fato, fundamental para o sucesso do ensino-aprendizagem, é comum serem feitas críticas ao mesmo, como ele sendo, por exemplo, limitador ao estabelecer um recorte, um grupo exclusivo de conteúdos em que os alunos tendem a se reterem, assim, de certa forma ele estaria limitando a compreensão dos alunos daquele determinado assunto.

Hoje em dia como temos cada vez mais conteúdo disponível para os alunos no mundo virtual, é difícil realmente imaginarmos que iremos para sala de aula com um livro didático, e que nos limitaremos somente a ele.

O livro didático mudou muito de característica. Se pensarmos, por exemplo, há algumas décadas, o conteúdo dos livros didáticos era bastante extenso. Dificilmente os alunos dispunham de outra fonte de pesquisa que não o livro didático. Hoje em dia este é apenas uma fração da aprendizagem, parte do conteúdo que o docente utilizará para ensinar. Atualmente os alunos têm mais condições de acesso à informação o que implica que não podemos nos limitar ao conteúdo do livro didático.

Obviamente porque a tecnologia coloca à disposição do usuário, em questão de segundos, um universo infinito de possibilidades, tornando-se forte aliada no trabalho educativo, com a realização de pesquisas sobre os mais variados temas, o

desenvolvimento de habilidades por meio de jogos em movimento e/ou com softwares (programas de computador) educacionais (BRASIL, 2007, p. 97).

Assim, se fizermos isso estaremos correndo sério risco de não sermos bem sucedidos na nossa aula. Essa, portanto, é uma crítica a ser feita em relação ao livro didático, que ele seja ‘limitador’, de modo a estabelecer limites muito estreitos para o processo de ensino dos alunos.

Outro ponto importante a ser considerado é o seu valor. De fato livros didáticos na realidade brasileira não são baratos. Sabemos, inclusive, principalmente em relação aos livros de língua estrangeira, estes, em geral, tendem a ter valores elevados. Muitas vezes decorre do fato de que vêm de editoras estrangeiras ou têm outros recursos multimídias como o CD-ROM e isto acaba apresentando um custo elevado. Este é um debate constante feito por muitas pessoas que avaliam se vale realmente a pena investir tanto dinheiro nos livros didáticos.

Temos no Brasil o Plano Nacional do Livro Didático em que são ofertados para as crianças os livros didáticos, porém os mesmos não podem ser consumidos haja vista que se estipula que seu prazo de duração deve ter entre dois a três anos. O Ministério da educação corrobora:

Na rede pública de ensino, o livro didático é distribuído gratuitamente aos alunos pelo Programa Nacional do Livro Didático. Avaliados a cada dois anos, os livros podem ser trocados de acordo com as demandas da escola. Esses livros, exceto para as primeiras séries, são denominados não-consumíveis, não são propriedade do aluno, devendo ser reaproveitados pelos alunos do ano seguinte. Dessa forma, os cuidados de conservação, como o encapamento, o transporte cuidadoso e a não-escrita no próprio livro, garantem sua durabilidade para o aluno seguinte (BRASIL, 2007, p. 90).

Outra crítica é de que o livro seria desestimulante. Aí claro irá depender da qualidade do livro sendo que um livro bem escrito, bem elaborado jamais será desestimulante. Pelo contrário, será um livro sedutor, um livro que irá estimular o aluno a abri-lo, a folheá-lo, manuseá-lo, investigá-lo, ou seja, descobrir o conteúdo que ele traz.

Objetivos principais dos livros didáticos

O livro didático deve refletir os usos da língua. Isso implica dizer que ele não poderá ficar restrito apenas a um registro, a trabalhar trechos de textos literários ou textos jornalísticos. Ele deve refletir os usos dessa língua, seja por meio do uso coloquial, numa

conversa entre amigos, colegas, seu uso literário, jornalístico, enfim. Portanto, ele necessita ser abrangente nesse aspecto. Além disso, precisa facilitar o processo de aprendizagem, corresponder às necessidades do estudante, englobar um trabalho com a escrita que seja determinada para o educador, que o auxilie a desenvolver as habilidades com os alunos de modo a trazer exercícios variados, estruturados, com propostas diferenciadas e com etapas de construção diferenciadas.

Cabe ressaltar a importância de que também esse livro didático especialmente no aprendizado de línguas estrangeiras dê conta de abarcar uma aprendizagem autônoma. Nicolaidés e Fernandes ressaltam que:

Essa preocupação com o desenvolvimento do aprendizado autônomo é particularmente importante, considerando-se que estaremos desenvolvendo, então, o aprender a aprender, suporte para um melhor resultado da aprendizagem não só na área de línguas, mas em diferentes campos de conhecimento (NICOLAIDES & FERNANDES, 2003: 48).

Temos ainda a ideia do formato adaptado. Isso implica dizer que o livro didático está muito ligado a esta ideia do manuseio, ele necessita ter uma disposição visual atraente, uma organização estética e funcional, ou seja, o aluno deverá ser capaz de entender onde os conteúdos estão dispostos, destaques dados aos pontos principais quando é necessário memoriza-lo, estuda-lo. Sua disposição gráfica e visual é fundamental e passa pelo conceito do formato adaptado que está intimamente relacionado à idade do aluno, seu nível de conhecimento.

Temos ainda a qualidade das ilustrações que estão relacionadas à organização gráfica do material. Há livros com más ilustrações e que, são de certa forma desmotivadores neste sentido porque como a ilustração é falha, o aluno não se sente motivado a lê-lo, a manuseá-lo.

Outro ponto importante está relacionado às variedades de suporte de informação, ou seja, se a informação está na forma escrita, por meio de um CD, um texto oral ou ainda por meio de referências da internet e a partir daí teremos diferentes suportes para informação. “Os computadores, o acesso à internet, os celulares, as transmissões de imagens e sons via satélite mostram-nos, a todo instante, que a linguagem é dinâmica e assume as características dos hábitos e dos costumes de seu tempo” (BRASIL, 2007, p. 104).

A ideia da legibilidade ou a forma com que o livro é escrito também é um ponto considerável. Muitas vezes os alunos têm dificuldades na compreensão do livro didático porque eles não entendem o que têm de fazer. O livro escreve o enunciado de determinado

exercício no qual o aluno não o entende. Logo isso tem relação com a legibilidade do material.

Por fim, temos a diversidade de informação e pontos de vista. O livro não pode ser monotônico, ou seja, ter apenas um aspecto, um ponto de vista único. Isso fica mais evidente em livros de outros conteúdos como livros de história, sociologia. É claro que também passa pelos livros de língua portuguesa e estrangeira.

No caso de línguas estrangeiras nós podemos pensar na associação com determinados países. É difícil hoje imaginarmos um livro que se proponha a ensinar a língua inglesa, por exemplo, e que só se referencia num determinado país, como os Estados Unidos ou Inglaterra. Ele deve apresentar diversidade de pontos de vista, focos diferenciados, necessita focar nos aspectos culturais da Inglaterra, dos Estados Unidos, da Jamaica, Austrália, dentre outros. O mesmo pode ser dito em relação ao espanhol, francês, etc.

CrITÉRIOS DIDÁTICOS

O primeiro dos critérios didáticos se refere à adequação, ou seja, aos conteúdos que o livro traz, se estes estão adequados ao currículo que deve ser seguido, à previsão de conteúdos para aquela determinada série.

Dessa forma, as áreas do currículo e o tratamento dado aos conteúdos, em cada instituição de ensino, devem primar pela oferta dos instrumentos necessários ao estudante para que ele, autonomamente, tenha condições de refletir e relacionar o que aprendeu com as práticas sociais em seu cotidiano (BRASIL, 2007, p. 102).

O segundo critério refere-se à progressão adaptada. Se existe uma lógica para o ensino do conteúdo, se o livro os referencia de maneira progressiva, de forma que o aluno, gradualmente, vá adquirindo cada vez mais conteúdos.

Algo também bastante específico no que tange ao ensino de línguas é a necessidade de que sejam feitas revisões periódicas. Os conteúdos linguísticos não são aprendidos, absorvidos de forma estanque, isolada. Eles são aprendidos de forma conjunta. Essa é uma característica da linguagem verbal. Assim, é preciso que sempre haja um processo de revisão sendo este um dos pontos mais complexos a serem realizados em materiais de língua estrangeira: sempre retomar os conteúdos que foram trabalhados, revisar, colocá-los

novamente com outra abordagem, outro formato ou outro aprofundamento. Isso serve também para a língua portuguesa.

Situações motivadoras e situações-problema são aspectos relacionados à necessidade do livro de trazer situações que forcem o aluno a pensar, a tentar resolver um problema, a interagir com seus colegas, sair daquele local em que esteja e realizar uma pesquisa seja na internet, na biblioteca da escola. No que tange a este último, é importante considerarmos que:

Integrante dessa lista, a biblioteca continua sendo um dos mais importantes ambientes de aprendizagem, embora tão pouco aproveitado em muitas escolas. A diversidade de saberes disponíveis em suas prateleiras pode enriquecer aulas por uma vida toda. Além do mais, o hábito de frequentar a biblioteca estimula outros hábitos, como o de leitura constante e interesse pela cultura, o gosto pela pesquisa e habilidades de investigação, a reflexão crítica e autônoma de questões escolares e do cotidiano, além de favorecer a realização de trabalhos que carecem de maior concentração (BRASIL, 2007, p. 97).

Não podemos partir do pressuposto de que o aluno vá ser um agente passivo no processo de aprendizagem. O livro deve, portanto, trazer informações motivadoras, instigantes que provoquem o aluno, que faça com que este pense, pesquise, interaja a fim de resolver determinado problema.

Além disso, é necessário estimular a análise crítica haja vista que, muitas vezes, não existe uma única resposta correta. É possível se responder a algumas questões da linguagem de formas diferentes. Necessitamos estimular isso no aluno, o livro deve oferecer isso no seu conteúdo.

Outro ponto a ser pensando é partirmos de uma boa quantidade de exercícios que reforce a aprendizagem, sendo que a ideia do reforço retoma o princípio da revisão que é necessária para o ensino de uma língua qualquer que seja ela.

Os dispositivos de avaliação e remediação e seus aspectos lúdicos também se referem à ideia da diversão, do livro que traz uma música, uma piada, histórias em quadrinhos e assim por diante. No que tange à música temos a seguinte consideração:

No contexto educacional, pode ser um grande aliado em todas as áreas do ensino. Relacionada aos conteúdos curriculares, pode favorecer a assimilação do conhecimento, de maneira lúdica, prazerosa; auxilia, ainda, na leitura e na interpretação de textos, enriquece o vocabulário, estimula a criatividade e o raciocínio lógico. Além disso, uma música bem selecionada, tocando em volume baixo, durante uma aula ou a realização de uma atividade, favorece a concentração e acalma o ambiente, mantendo o equilíbrio e a harmonia (BRASIL, 2007, p. 47).

Destarte, tudo aquilo que envolve, que diverte o aluno. Estes serão parte fundamental do processo ensino-aprendizagem. Temos que trazer conteúdos e praticá-los e aqui quando pensamos na ideia de exercícios fica claro o foco técnico que o ensino da linguagem exige. Como trabalhamos habilidades, temos um aspecto técnico, prático do ensino de línguas.

O aluno para aprender um idioma estrangeiro necessita dominar o sistema fonético dessa língua estrangeira, a forma que irá pronunciar os sons da língua estrangeira. Isso se dá por meio da prática, até mesmo porque envolve movimentos musculares, pois ele tem de mover os lábios, a língua, produzir sons de uma maneira diferente da qual ele faz em sua língua materna.

CrITÉRIOS pedagÓgicos

Os critérios pedagógicos se referem às perguntas que podem ser feitas quando estamos avaliando um livro. O livro apresenta uma coerência entre suas referências teóricas e os conteúdos propostos ao aluno?

Muitas vezes o livro propõe uma referência teórica ou diz ter determinada abordagem, por exemplo, ser construtivista ou comunicativo, mas na prática isso não acontece. Os exercícios não são feitos dessa forma. Os conteúdos não estão dispostos dentro daquela metodologia que o livro diz ter. E neste sentido,

A metodologia é transmissiva quando a proposta de ensino acredita que a aprendizagem de um determinado conteúdo deve se dar como assimilação, pelo aluno, de informações, noções e conceitos, organizados logicamente pelo professor e/ou pelos materiais didáticos adotados. Este é o caso do ensino de gramática que se dá por meio da definição de conceitos e regras, seguida de exemplos e exercícios de aplicação. Bons resultados, nesse tipo de abordagem, exigem uma organização rigorosamente lógica da matéria e, sobretudo, uma adequada transposição didática de informações, noções e conceitos, que leve em conta o patamar de conhecimentos e as possibilidades dos alunos (BRASIL, 2008, p. 19).

Além disso, há outros questionamentos, tais como: Será que o livro apresenta coerência entre as competências esperadas pelo aluno e as situações a ele propostas? O que você espera que seus alunos sejam capazes de fazer ao final do ano letivo com este conhecimento adquirido?

Poderíamos então ter como resposta: Espero que eles sejam capazes de responder um e-mail, uma história descrevendo o que aconteceu na vida deles.

Será que o livro didático traz exercícios, conteúdos que vão possibilitar ao aluno executar essa tarefa ao final do processo? O que desejo que os alunos sejam capazes de fazer? O que o livro traz de conteúdo, de exercícios, de prática linguística para fazer com que eles cheguem àquele objetivo?

Outro critério fundamental é se o livro didático anuncia claramente ao aluno aquilo que ele irá aprender. O material didático deve informar ao aluno o que será aprendido na unidade, quais habilidades serão desenvolvidas, praticadas, que os alunos deverão ser capazes de executar ao final desse conteúdo.

Assim, ao prevermos o que vamos ensinar ou quando o livro traz essa previsão do conteúdo a ser tratado ficará muito mais fácil acompanhar as etapas do processo de aprendizado.

Após isso devemos inter-relacionar os conteúdos apresentados, estabelecendo conexões lógicas e significativas entre eles. Isso implica na correlação entre os conteúdos dispostos no livro, se estes não ficam isolados.

Ainda podemos nos questionar se este livro será indutor de questionamentos de modo a estimular o aluno a refletir sobre os diferentes pontos de vista, se ele requisita atitude por parte do discente, sendo este um fato essencial que o estimula a participar de seu processo de aprendizagem, buscando respostas a seus questionamentos.

Santos e Carneiro (2006) destacam que:

O livro didático assume essencialmente três grandes funções: de informação, de estruturação e organização da aprendizagem e, finalmente, a função de guia do aluno no processo de apreensão do mundo exterior. Deste modo, a última função depende de o livro permitir que aconteça uma interação da experiência do aluno e atividades que instiguem o estudante desenvolver seu próprio conhecimento, ou ao contrário, induzi-lo á repetições ou imitações do real. Entretanto, o professor deve estar preparado para fazer uma análise crítica e julgar os méritos do livro que utiliza ou pretende utilizar, assim como para introduzir as devidas correções e/ou adaptações que achar convenientes e necessárias (SANTOS e CARNEIRO 2006, p. 206).

Uma estratégia interessante que já existe há algum tempo nos livros de língua estrangeira é a seguinte: ao invés de dizer para o aluno como uma determinada forma gramatical funciona, o livro apresenta situações em que aquelas estruturas são utilizadas, sejam elas orais ou escritas e depois questiona o aluno. Isso faz com que o aluno reflita, olhe para aquela estrutura de modo a tentar entendê-la. Essa é uma interessante estratégia utilizada em vários livros, especificamente de língua inglesa.

Além disso, temos de nos atentarmos se o livro evidencia os conhecimentos a serem memorizados, mostrando ao aluno aquilo que é essencial e deve ser fixado. A ideia de que determinados conteúdos precisam ser memorizados, retrabalhados é um importante ponto que merece destaque. O livro deve guiar o olhar do aluno, facilitar o processo de estudo.

Também podemos nos questionar se este livro didático traz elementos culturais variados, tais como: biografias, relatos de acontecimentos, documentos, etc. Portanto, essa lista de critérios apontados oferece ao professor subsídios para realizar uma avaliação do livro na sua escola.

PNLD (Plano Nacional do Livro Didático): Objetivos centrais para o ensino de língua portuguesa

Ao nos referimos aos objetivos centrais do Plano nacional do livro didático para o ensino da língua portuguesa, este nos diz o seguinte:

O processo de apropriação e de desenvolvimento, pelo aluno, da linguagem escrita e da linguagem (especialmente das formas da linguagem oral que circulam em espaços públicos e formais de comunicação) em situações as mais complexas e variadas possível (BRASIL, 2008, p. 11).

Portanto, o PNL nos informa ser função do livro didático de língua portuguesa tratar da linguagem oral e levar o aluno a desenvolver determinada forma da linguagem oral que circula em espaços públicos de modo a ensinar ao aluno o uso da norma padrão da língua portuguesa. O documento também informa o seguinte:

O desenvolvimento da proficiência na norma culta, especialmente em sua modalidade escrita, mas, também, nas situações orais públicas em que seu uso é socialmente requerido, sem que desconsiderem as demais variedades linguísticas, as quais funcionam em outras situações (BRASIL, 2008, p. 12).

Isso implica dizer que é necessário se trabalhar com a norma padrão, desenvolver a proficiência dos alunos da norma cultuada, seja na forma oral ou escrita, sem, entretanto, partirmos do princípio de que não existem outras formas, desconsiderando as demais variedades linguísticas aos quais funcionam em outras situações da comunicação.

Considerações Finais

Há diversos modos de pensarmos como o ensino deve ocorrer. Por isso é que livros podem propor diferentes formas de trabalhar os mesmo conteúdos. Temos livros que dão maior importância aos textos à leitura, outros já são mais focados aos exercícios e grande parte combina vários elementos ao mesmo tempo. De qualquer modo, a importância do livro didático está no fato de que, dada a realidade econômica e social brasileira, ele é, talvez, o único instrumento de acesso à cultura para a grande maioria dos estudantes, e por vezes, até para a grande maioria dos professores. Todavia, devemos levar em consideração que os livros didáticos não são superiores a outros tipos de materiais didáticos. Um exemplo básico são as revistas de divulgação científica, artigos publicados em jornais. Estes são tipos de materiais que funcionariam como material didático se incorporado em sala de aula, na biblioteca da escola, no uso cotidiano do aluno e assim por diante.

Devemos considerar que a restrição do ensino ao livro didático tradicional significa um prejuízo muito grande para o aluno que deixa de ter acesso a toda informação que normalmente faz parte da educação livre.

Como vimos, podemos chamar de didático, todos os livros que motivem a relação do aluno com o conteúdo escolar e a literatura pode ser um bom exemplo. Também o são eles, os livros que apoiam a autonomia do aluno, tais como os dicionários, as enciclopédias e as coleções infantis ilustradas, que oferecem um amplo espectro de informações a serem relacionadas pelas crianças. Assim, os livros didáticos podem incluir livros que já trazem indicações de situações de aprendizagem a partir de um conteúdo estudado, além disso, publicações que indicam outros livros e fontes sobre o mesmo tema.

Destarte, o livro didático é uma ferramenta a serviço do professor. O professor escolhe qual livro irá utilizar em função dos seus próprios objetivos e do plano de curso que tenha elaborado. Portanto, é necessário ser crítico com o livro didático utilizado nas escolas. É necessário olharmos e refletirmos sobre ele a partir de certos critérios.

Especialistas das várias áreas do ensino de primeiro grau discutem os problemas dos livros didáticos brasileiros e elaboram alguns critérios para a sua escolha, assim é importante que os educadores também estabeleçam critérios para escolha de seus conteúdos pedagógicos.

Por fim, a existência do livro didático não é condição indispensável para o trabalho do professor. Será excelente se este educador contar com um material de qualidade que apoie o seu trabalho, caso contrário, deverá criar seu próprio material de trabalho, sejam eles por meio de jornais, revistas, livros diversos, livros paradidáticos, documentos, manuscritos, panfletos.

Tudo isso, como visto, pode ser usado em sala de aula. E mesmo um bom livro didático nunca deve ser visto como um material exclusivo para as atividades escolares sendo que o eixo do ensino é o professor e o livro é apenas uma ferramenta ao seu serviço.

Referências:

BRASIL. **Equipamentos e materiais didáticos. Brasília, 2007.** Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/profunc/equip_mat_dit.pdf. Acesso em 01 de abr. de 2016.

_____. Ministério da Educação. Guia de livros didáticos PNLD 2008: Língua Portuguesa. — Brasília: MEC, 2007. 152 p. — (Anos Finais do Ensino Fundamental). Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Avalmat/pnldport07.pdf>. Acesso em 31 de mar. de 2016.

CORACINI, M. J. **O livro didático nos discursos da Linguística Aplicada e da sala de aula.** In: CORACINI, M. J. (org.). Interpretação, autoria e legitimação do livro didático. São Paulo: Pontes, 1999.

NICOLAIDES, C. & FERNANDES, V. **Autonomia: critérios para a escolha de material didático e suas implicações.** IN: LEFFA, V. Produção de materiais de ensino: teoria e prática. Pelotas: Educat, 2003.

ROMANATTO, Mauro, Carlos. **A noção de número natural em livros didáticos de matemática: comparações entre textos tradicionais e modernos.** Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de São Paulo, São Carlos – SP, 1987. www.sbempaulista.org.br.

SANTOS, Wildson Luiz; CARNEIRO, Maria Helena da Silva. **Livro Didático de Ciências: Fonte de informação ou apostila de exercícios.** In: Contexto e Educação: Ano 21. Julho/dezembro, Ijuí: Editora Unijuí. 2006.